

Parentescos entre a leitura e o amor: a poesia de Ana Martins Marques

Sabrina Sedlmayer*

MARQUES, Ana Martins. *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009. 142 p.

A vida submarina (2009), livro de estreia de Ana Martins Marques, é quase todo construído pela remissão ao outro. Os poemas, breves, mas enérgicos, trazem um endereçamento desconcertante. Dirigidos reiteradamente a um você e a um tu, não parecem ansiar apenas pela construção de um elo entre a sensibilidade de quem escreve, o leitor camarada e a experiência da escrita. Mais do que saquear e dividir uma potente biblioteca de referências literárias – Jorge de Lima, Borges, Lawrence, Homero, Safo de Lesbos, Carlos Drummond de Andrade, Ana Cristina César, dentre outros – e dar prosseguimento ao colóquio continuado que é a literatura, a poeta trama, nos quase cento e cinquenta poemas que constitui tal edição, desvios sinuosos para a fugidia presença do amor e para a precária arquitetura dos afetos.

Se nesse aspecto Marques acata a poesia como estância, cômodo, quarto, alojamento para cantar a alegria do amor – como queriam os trovadores do século XIII e como agudamente lê, no presente, o pensador Giorgio Agamben –, e reitera que “Todos os poemas são de amor” (MARQUES, 2009, p. 28), abruptamente se distancia desse tronco lírico ao tomar o poema também como lugar para pensar. Ciente que o “pensamento é um inquilino incendiário” (MARQUES, 2009, p. 26), mescla reflexão existencial com lírica amorosa e impregna de ironia os desenhos de todas as paisagens.

E essa leitura a contrapelo se espria na vida fora do mar. Na ordenada arquitetura de interiores, as xícaras estão lascadas; na geografia de verões passados, a maresia come a casa; o amor, uma batata quente; os dicionários, bichos enjaulados. Esses e outros motivos demonstram as inversões presentes na dicção dessa autora e apontam para o fato de como não se opera distinção, nessa concepção e nessa prática poética, entre poesia e pensamento.

Os poemas são dispostos em seis subdivisões com subtítulos diversos. Na capa do livro já se anuncia que a poeta fora premiada duas vezes pelo Prêmio Cidade de Belo Horizonte de Literatura, em 2007 e 2008, e que se trata “de dois conjuntos de poemas”. Mas há mais. Percebe-se, no decorrer da leitura, uma tensa heterogeneidade de temas e estilos que faz com que *A vida submarina* se assemelhe mais a uma antologia, uma seleção pessoal de poemas escritos durante alguns anos, do que propriamente um projeto único, orgânico e coeso. Há muitos livros dentro desse livro.

Mas tal diversidade é resolvida, em alguns momentos, pela tentativa de se estabelecer uma espécie de *ritornello* entre figuras e sensações. É o caso da escolha pelos adjetivos femininos e principalmente pelo *topos* feminino. O nome próprio de Penélope, por exemplo, é um elemento de ligação entre as divisões estanques. São seis os poemas dedicados à espera, ao sossego e à solidão da companheira de Ulisses. Penélope abre e fecha as seções, tece e desfia certo lugar tradicionalmente reservado para a passividade feminina. Na releitura da epopeia clássica, a Penélope de Marques assemelha-se mais à arguta Sherazade ao encerrar o livro com versos lacônicos: “E então se sentam/ lado a lado/ para que ela lhe narre/ a odisséia da espera” (MARQUES, 2009, p. 142).

Mas a fatal presença feminina nessa poética não me parece ser a da narrativa grega, e sim a da carioca Ana Cristina César. Os pequenos alumbramentos do dia a dia, a insistência em mesclar a consciência imediata do mundo com o filtro do intelecto, a autoironia, os forjados apontamentos diarísticos, tudo mesclado a uma corrosiva ironia, ao som da jazz band, remetem à escritora de *A teus pés*. E sobressai a forma como Ana Marques lê tais procedimentos, reconhece o projeto de escritura empreendido por Ana C., e vai além escrevendo-lhe uma carta-poema:

Ciganas
passeando
com um rosto escolhido
por paisagens cegas de palavras
traduzidas
inconfessas
rabiscos
ao sol.
Cotidianas
vivendo dias de diários
e mentindo descaradamente
nos silêncios das cartas
(selos postais
unhas postiças
versos pós-tudo).
Fulanas
de nomes reversíveis
para ir e voltar
sem sair do lugar:
self safári
por essa paisagem toda
que no fundo
Ana
nada tem a ver conosco.
Self Safári (Carta para Ana C)
(MARQUES, 2009, p. 121)

Nessa revisitação da estética do fingimento, a jovem poeta mineira sacramenta a sua filiação e também o seu divórcio. Talvez tenha reconhecido, nesses exercícios, que o safári poético não se esgota nas despessoalizações das paisagens interiores e por isso tenha se aberto para o mar e para os minérios.

Mas a questão continua em suspenso: o que teria, então, a ver com as duas Anas? Uma resposta primeira é a de que ambas estudam o parentesco entre o amor e as palavras. Outra, mais sinuosa, dada pela promissora e talentosa Marques, no poema intitulado “6 posições de ler”, é que “Os parentescos entre a leitura e o amor/ estão por ser estudados” (MARQUES, 2009, p. 75).

Nota explicativa

- * Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).